

RELATO E REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA DOCENTE: PRODUÇÃO DE RELATOS DE EXPERIÊNCIA POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Edilma Marinho Ribeiro (PET Letras/UFCG)
edilma.marinho01@gmail.com

Rhayssa Késsia Alves da Costa (PET Letras/UFCG)
rhayssakessia@gmail.com

Maria do Socorro Paz e Albuquerque (Doutora/ UFCG)
ms_paz@ig.com.br

Introdução

Em geral, nas disciplinas cursadas no curso de graduação (falamos aqui especificamente o curso de Letras), nós somos “bombardeados” por teorias e estudos que nos mostram o quê e como fazer quando estivermos em sala de aula. Estar bem embasado e conhecer o instrumento de trabalho com o qual lidaremos é de fundamental importância, pois como trabalhar com o que não conhecemos? Sabemos são inegáveis os abismos que existem entre teoria e prática e, que por isso mesmo o contato com a experiência prática deveria acontecer desde o início do curso. No currículo mais antigo, apenas quando chegamos ao fim do curso, é que nos aproximamos mais da realidade e buscamos colocar em prática o conhecimento construído ao longo da jornada acadêmica. Felizmente, já há mudanças nessa perspectiva.

Em nossa experiência acadêmica, a primeira disciplina que nos aproximou dessa realidade de sala de aula foi a Prática de Ensino de Língua Portuguesa I¹. Nesse momento, as teorias se tornaram mais concretas e reais e passamos a atuar em uma sala de aula de verdade. Além disso, resgatamos as teorias estudadas durante o curso a fim de nos munirmos da bagagem necessária para pensarmos, especificamente, sobre o ensino de Língua Portuguesa nos anos do Ensino Fundamental II e colocarmos em prática a sequência didática pensada e elaborada por nós.

Nesse relato pretendemos apresentar e descrever como se deu a experiência vivida por nós, parte integrante da turma do semestre 2012.1², trazendo os passos percorridos desde as discussões teóricas até a atuação didática, bem como nossas impressões e comentários sobre essa experiência.

A escola escolhida para a regência das aulas da disciplina Prática I foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula, situada no bairro Novo Cruzeiro em Campina Grande – PB. A série com a qual trabalhamos foi o 9º ano do Ensino Fundamental.

A sequência didática foi elaborada em conjunto com a professora da disciplina, porém, para a atuação didática, a turma foi dividida em duplas e cada uma delas elaborou seu plano de aula, que foram entregues tanto às colegas de estágio, quanto às professoras (a da disciplina e a da escola). As aulas foram ministradas no próprio horário de aulas da professora da escola nas turmas dos nonos anos. Das cinco aulas semanais de Língua Portuguesa, três eram destinadas à nossa prática.

¹ Essas informações correspondem à antiga estrutura curricular da grade do curso de Letras da UFCG.

² A turma de Prática de Ensino de Língua Portuguesa I era composta por: Aline Monteiro; Delane Lourenço, Edilma Marinho, Francly Izabelly, Mariana Gouveia e Rhayssa Késsia.

As teorias que fundamentaram nosso trabalho estão ancoradas nos PCN-Língua Portuguesa (1998), para o trabalho com os textos, concebidos como unidades básicas do processo de ensino, e análise linguística, necessárias à ampliação das competências discursivas dos alunos; em gêneros textuais com KOCH & ELIAS (2009); em DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY (2004) como suporte para elaboração da sequência didática e, para o trabalho desenvolvido com os alunos acerca do gênero textual relato de experiência, em SILVA (2002).

Os procedimentos metodológicos, por nós utilizados, para realização deste trabalho consistem na descrição e reflexão sobre os procedimentos adotados durante a nossa atuação docente e, sobretudo o relato das atividades de apropriação do gênero textual relato de experiência pelos alunos.

Fundamentação Teórica

No processo de planejamento para a atuação em sala de aula, tomamos como base teórica principal, os Parâmetros Curriculares Nacionais – 3º e 4º ciclos, para o ensino de Língua Portuguesa; e, para a elaboração da sequência didática, embasamo-nos no texto “Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento”, de DOLZ; NOVERRAZ e SCHNEUWLY, (2004).

Devido ao fato de que iríamos trabalhar com gênero textual, a concepção adotada de escrita e gênero textual era de fundamental importância para que iniciássemos a sequência didática. Assim, adotamos as concepções apresentadas pelos PCN’s em relação ao trabalho com a linguagem:

“Tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva.”(BRASIL, 1998. P. 27)

Adotada a teoria de escrita como processo, em que o texto é pensado como algo que envolve etapas e ativação de várias estratégias, e de gênero enquanto práticas comunicativas relativamente estáveis que atendem a uma demanda social e se materializam por meio de textos (orais ou escritos), alicerçamo-nos em tais princípios e buscamos adotá-los em nossa prática, ou seja, nossa intervenção em sala de aula.

Quanto à concepção e produção escrita de texto, Koch e Elias (2009) esclarecem que “o produtor, de forma não linear, ‘pensa’ no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio interacional.” (KOCH & ELIAS, 2009. p. 34), dessa forma, buscamos trabalhar com os alunos essas diversas etapas que envolvem esse processo de escrita.

Em relação à sequência didática, Dolz, Noverraz e Schneuwly trazem quanto ao trabalho com o gênero que “Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor *um* gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever

ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004. p. 97). Dessa forma, elaboramos nossa sequência didática com o propósito de atender aos objetivos almejados ao trabalhar com o gênero Relato de experiência.

Nossa preparação seguiu o esquema proposto pelos autores: apresentação da situação de Produção inicial, Módulo 1, Módulo 2 e Módulo n, Produção final. Na apresentação inicial, apresentamos aos alunos o projeto a ser realizado para que ficassem devidamente situados. A primeira produção é o momento em que o professor tem acesso ao diagnóstico da turma. Essa etapa é fundamental para as seguintes, pois os módulos serão preparados a partir dos resultados obtidos por meio desse diagnóstico.

No tocante ao gênero relato de experiência, adaptamos para o contexto da turma em que estávamos atuando a instrução de escrita de relato elaborada por Silva (2002) para produção do gênero. Essa instrução parte de unidades informacionais e, apresentamos três delas para a turma: o título (que antecipa o que vai ser abordado no texto); a introdução (que apresenta uma contextualização do tema) e o desenvolvimento (construído a partir de relatos dos fatos e de comentários sobre eles).

Apresentação da metodologia

Até chegarmos à sala de aula, momento de culminância onde se efetiva realmente o exercício da prática de ensino dos profissionais em formação, passamos por um período de preparação de aproximadamente dois meses em que, com o auxílio da professora da disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa I³, nós discutimos inicialmente sobre a realidade educacional brasileira e algumas das suas principais dificuldades atuais, tendo como textos motivadores o artigo “A arma secreta da China”, de Gustavo Ioschpe, e o texto “Os meninos-lobo, de Cláudio Moura e Castro. Após isso, lemos e discutimos os PCN do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental para que a nossa atuação na escola a ser foco de nossas atividades estivesse ancorada nos documentos que parametrizam a educação brasileira

Constatamos, na apreciação que foi feita dos PCN, a concepção de língua e linguagem que esse documento traz bem como o ensino que orienta, baseado na concepção sociointeracionista da linguagem que se apoia na tese de que os sujeitos aprendem e desenvolvem suas capacidades linguísticas por meio/em contato com os seus interlocutores na interação social. Quanto ao trabalho linguístico e textual a ser desenvolvido, esse documento orienta que o trabalho com textos das mais variadas esferas sociais e em sua completude deve ser o mais adequado, tendo em vista que recortes e trechos de textos não são dotados da mesma significação quanto os mesmos textos na íntegra e em sua situação de produção.

Após o período de estudo dos PCN, analisamos os nosso principal recurso metodológico em sala de aula: os livros didáticos de Língua Portuguesa. Nosso primeiro passo foi a leitura, sistematização e discussão do guia de livros didáticos do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). Em um momento posterior, seguindo os critérios estabelecidos pelo MEC para análise dos livros didáticos, nós começamos a analisar as coleções de livros didáticos adotadas nas escolas atualmente.

³ A Prof. Dr^a. Maria do Socorro Paz e Albuquerque

Em seguida, iniciamos a fase de estudos teóricos para conhecermos e sabermos como elaborar uma sequência didática. Foi lido e discutido o texto “*Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*”, de Dolz, Noverraz e Shneuwvly (2004) e um texto sobre os tipos de questões presentes nos livros didáticos e suas implicações: “*Compreensão de texto: algumas reflexões*”, de Luiz Antônio Marcushi (2001).

Após as discussões sobre esses textos, visitamos a escola e as turmas em que atuaríamos. Assim, chegamos à E.E.E.F.M. Prof. Raul Córdula e tivemos o nosso primeiro contato com a coordenadora de Língua Portuguesa e a professora da disciplina, que disponibilizou suas turmas de nono ano (três turmas) para que pudéssemos ministrar as aulas práticas. A professora nos revelou que desejava, em comemoração ao centenário de nascimento de Luiz Gonzaga, estudar sobre este compositor, ver a sua atuação no cenário musical brasileiro e levar os alunos para conhecerem o Museu Fonográfico Luiz Gonzaga, localizado em Campina Grande - PB. Em virtude disso e do fato de ela já está trabalhando as características de textos narrativos, chegamos ao consenso de que o gênero textual a ser trabalhado com as turmas (na turma em que atuamos, havia 47 alunos) seria o “relato de experiência” a ser feito depois da visita ao museu.

A partir deste momento, nós nos concentramos em produzir a nossa sequência didática, que tinha como tema o Centenário de Nascimento de Luiz Gonzaga e como objetivos levar os alunos a:

- ✓ Reconhecer a importância de Luiz Gonzaga no cenário musical brasileiro através do conhecimento de sua biografia e da sua produção musical;
- ✓ Reconhecer e caracterizar o gênero relato de experiência e produzir um após a visita ao Museu Fonográfico Luiz Gonzaga.

Tendo em vista a temática e a delimitação dos objetivos, nós construímos a nossa sequência didática subdividida em três módulos: o módulo de leitura; o de análise linguística e o de produção textual e publicação/divulgação. O primeiro módulo previa de leitura tinha os seguintes objetivos específicos: - ouvir e interpretar as músicas de Luiz Gonzaga; - reconhecer as características regionalísticas das músicas desse compositor e sua influência no cenário musical brasileiro; - conhecer a biografia de Luiz Gonzaga. Assim, previa como ações:

- Audição e apreciação de músicas de Luiz Gonzaga: “Xote das meninas” e “Asa Branca” e em interpretações de outros cantores, a exemplo, Elba Ramalho;
- Leitura e discussão de texto sobre o regionalismo, para subsidiar a reflexão sobre a influência da música regional de Luiz Gonzaga no cenário brasileiro;
- Leitura do cordel “Gonzagão ‘Rei do baião’ ” sobre a biografia de Luiz Gonzaga do cordelista: Vicente Campos Filho
- Exibição de vídeos sobre a vida e obra de Luiz Gonzaga;
- Leitura de textos produzidos por especialistas em música e cultura popular em gêneros diversos (depoimento, entrevista, reportagem, etc).
-depoimentos: <http://sintoniahp.blogspot.com.br/2009/08/20-anos-sem-luz-gonzaga-depoimentos.html>. acessado em 11/04/13 às 17:27.
- Entrevista com especialista em música regional e/ou na obra de Luiz Gonzaga;
- - Entrevista com o prof. do Dart – UFCG sobre a sua monografia acerca da obra de Luiz Gonzaga;

As duas últimas ações contidas nesta sequência não foram realizadas, bem como a leitura do cordel “Gonzagão ‘Rei do Baião’” porque os alunos, após as realizações das primeiras ações e influenciados, sobretudo por uma atividade que solicitamos no nosso primeiro dia de aula, que consistia em que realizar uma pesquisa biográfica sobre Luiz Gonzaga já conheciam muito sobre ele e não havia mais tempo hábil para estas últimas ações previstas. Mesmo assim, houve engajamento da turma na realização de todas as atividades propostas e a troca de conhecimentos entre nós e os alunos eram frequentes, pois algum deles sempre trazia uma informação nova para a sala de aula.

O segundo módulo – Análise lingüística, tinha como objetivos específicos: reconhecer, interpretar e produzir o gênero relato de experiência. E como atividades, previa:

- Apresentação e reconhecimento da estrutura composicional do gênero *Relato de experiência*;
- Conhecimento da linguagem do gênero: estilo, descrição, narrativa e comentários;
- Elaboração de atividade de reescrita a partir de trechos dos relatos produzidos pelos alunos;
- Resolução de exercícios sobre conteúdos gramaticais específicos necessários para a produção de relatos de experiência;
- Realização do diagnóstico da turma- correção dos relatos da entrevista realizada;
- Realização de reescrita coletiva de 1 ou 2 relatos da entrevista produzidos;
- Reescrita individual, pelos alunos, dos relatos de experiência produzidos sobre a entrevista.

As atividades previstas para esse módulo foram realizadas com êxito. Os alunos conseguiram se apropriar do gênero textual relato de experiência, mas da forma como está transcrito acima a descrição do módulo, devemos ressaltar que não houve a produção do relato sobre a entrevista, tendo em vista que esta não ocorreu, como já mencionado anteriormente, e houve a produção de um relato sobre um vídeo assistido na sala de vídeo da escola produzido na ocasião em que fez 20 anos da morte de Luiz Gonzaga (o vídeo era do programa da TV Brasil, “De lá prá cá, apresentado por Ancelmo Góis e Vera Barroso).

O terceiro módulo da sequência didática – produção de um relato após visita ao museu e divulgação das produções tinha como objetivos específicos: - visitar o museu, produzir o relato de experiência e rescrevê-lo e, por último, divulgar as produções na escola. Essa etapa previa:

- Visita ao Museu Fonográfico Luiz Gonzaga;
- Discussão sobre a experiência vivenciada (apresentação das fotos da visita);
- Revisão das características composicionais e do estilo do gênero *Relato de experiência*;
- Produção do Relato de Experiência após a visita ao museu;
- Reescrita coletiva de um ou dois relatos produzidos pelos alunos;
- Reescrita individual.
- Publicação/divulgação dos relatos em blog ou em um mural da escola.

Todas essas ações foram realizadas com êxito. A visita ao museu se deu no dia quatorze de maio de 2012, no horário oposto ao das aulas. Saímos (estagiárias, professora da escola e professora da disciplina Prática I) do colégio às 14h00min com os alunos das três turmas de nono ano e ficamos lá por cerca de duas horas. Além do contato com os objetos que o museu preserva sobre “Gonzagão”, o criador e dono do museu, Sr. José Nobre, nos deu uma palestra na qual contou fatos marcantes da vida de

Luiz Gonzaga e da sua convivência com ele. Os alunos gostaram muito e nós também, pois foi mais um momento de aprendizado sobre esse grande cantor e compositor nordestino. Quanto à publicação/divulgação dos textos produzidos pelos alunos, nós criamos um blog e lá colocamos os cinco melhores textos produzidos em cada sala dos nonos anos. Também fizemos cartazes produzidos pelos alunos sobre o “Rei do Baião”.

1. Análise de dados

A nossa intervenção didática na turma do nono ano “B” da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Raul Córdula começou com a fase da motivação para a produção inicial do relato de experiência ancorada na contribuição temática sobre o “Rei do Baião”. Foi uma fase produtiva e, ao mesmo tempo em que ensinávamos aos alunos o que tínhamos pesquisado e aprendido sobre essa figura tão importante para a música brasileira, aprendíamos muito com as informações que nos eram trazidas pelos alunos.

Iniciamos, após essa etapa de motivação, o contato com o gênero a ser produzido, relato de experiência: quem produz; para quem produz; função social; caracterização composicional e suporte de divulgação. Depois disso, levamos um vídeo do programa “De lá pra cá”, da TV Brasil, exibido em ocasião dos vinte anos da morte de Luiz Gonzaga, em 2009. Foi a partir da exibição desse vídeo que os alunos realizaram a primeira produção do relato de experiência.

2. A primeira produção:

Quando os alunos fizeram a 1ª produção do relato, nós percebemos que eles ainda não haviam compreendido o que era o relato de experiência e a maioria deles ao invés de produzir o gênero textual solicitado, apresentaram em seus textos apenas dados biográficos coletados sobre o Rei do Baião. É o que podemos observar nestes dois textos abaixo.

Texto 01:

1ª versão da 1ª produção- doravante “P1a”

Luiz Gonzaga “O rei do baião”

Luiz Gonzaga nasceu em 13 de dezembro de 1912 na fazenda caiçara, na cidade de EXU, no estado de Pernambuco.

Luiz Gonzaga começou a tocar sanfona com 8 anos, depois ele se tornou o melhor afinador de sanfona e seu pai também era um sanfoneiro.

Aos 17 anos, ele saiu de casa porque tinha começado a namorar uma menina e também ele já não aguentava mais os pais.

Em 1929, ele vai para fortaleza, chegando lá ele se apresenta com 21 anos. Na década de 30 ele entrou para o batalhão de caçadores e começou a tocar lá, mas não sabia de nada. No final da década de trinta ele começa a sua produção artística em lugares frequentados por rapariga no Rio de Janeiro.

Em 1944, é contratado no Rio de Janeiro para se apresentar na rádio internacional no Rio de Janeiro, e era conhecido como Rei do Baião.

Texto 02:

1ª versão da 1ª produção do relato – doravante “P2a”

Luiz Gonzaga

Luiz Gonzaga saiu de casa em 1930 para servir o exército como voluntário. Ele tocava sanfona aos 8 anos.

Deu baixa em 1939 e foi morar no Rio de Janeiro, passou a tocar no cabaré da lapa; começou a participar de vários programas radiofônicos, inclusive gravando discos, como sanfoneiro. Proceguiu fazendo programas de rádios.

Luiz Gonzaga era filho de Januário José dos Santos, lavrador e sanfoneiro, e de Ana Batista de Jesus, agricultora e dona de casa.

Ele morreu em 89, e isso foi o que eu entendi.

Nos textos, nós podemos perceber que, além da fuga ao gênero (característica comum aos dois), os textos apresentam entre outros problemas de coerência textual, a redundância, como podemos ver no último parágrafo de P1a, onde há a repetição exagerada da expressão “Rio de Janeiro”; informações sem relação com a idéia anterior por falta de elementos coesivos, a exemplo o trecho “*Ele tocava sanfona aos 8 anos*”(P2a). Além disso, há a presença de informações falsas, deturpadas que comprometem o texto, como podemos ver no seguinte trecho: “Aos 17 anos, ele saiu de casa porque tinha começado a namorar uma menina e também ele já não aguentava mais os pais.”(P1a). Há ainda problemas de uso da norma padrão em relação à utilização inadequada de letras maiúsculas e minúsculas “fortaleza” (P1a), dentre outros e erros ortográficos, a exemplo de: “proceguiu” (P2a).

Esta primeira produção permitiu fazer um diagnóstico da turma e a partir dela nós elaboramos atividades que pudessem ajudar os alunos a superar os principais problemas que encontramos em seus textos. Após essa primeira produção, a atividade utilizada para trabalhar com tais problemas consistiu em reescrita de trechos de relatos produzidos pela turma. Trechos mais problemáticos em relação à organização composicional do gênero foi o foco maior nesse momento.

Nessas atividades, objetivávamos propiciar aos alunos o contato com a abordagem dos aspectos linguísticos e epilinguísticos da língua na medida em que a atividade trazia a norma, mas possibilitava a reflexão sobre o uso. Reiteiramos também as principais características do gênero textual relato de experiência, principalmente através da observação dos relatos produzidos. Dentre vários aspectos, refletimos sobre as seguintes questões com os alunos: “Quem escreve um relato? Para quem se escreve? Qual é a pessoa verbal em que o relato é escrito? Um relato é construído apenas com a exposição dos fatos, sem nenhum comentário sobre eles?”. Os alunos respondiam e, quando cometiam algum equívoco, os outros complementavam a resposta dada, refaziam-na e nós interferíamos quando os equívocos permaneciam. Além desses exercícios e da retomada oral das principais características do relato de experiência, os apontamentos e as observações que fazemos nos próprios textos produzidos por eles na primeira versão, tiveram um papel importantíssimo no que tange ao atendimento das necessidades mais específicas de alguns deles, já que nas atividades realizadas com todos da turma o objetivo era apresentar, analisar e discutir os principais problemas encontrados e aqueles com maior índice de incidência.

Além dessa atividade, fizemos um levantamento dos principais problemas encontrados nas produções (concordância, ortografia e organização composicional do gênero), e discutimo-las em sala e, utilizando o quadro, trabalhamos com a turma sobre tais problemas transcrevendo alguns exemplos no quadro para serem resolvidos em conjunto.

Observamos que esses procedimentos surtiram efeitos, pois a reescrita dessa primeira produção apresenta avanços consideráveis em relação à primeira versão apresentada.

No texto P2a, os avanços se deram “timidamente” porque a autora conseguiu fazer a contextualização do fato que pretendia relatar (que era o vídeo assistido pela turma). Vejamos a contextualização feita pela aluna:

“No dia 26/04/12 a turma do 9º “B” saiu até a sala de vídeo para assistir um documentário sobre os vinte anos da morte de Luiz Gonzaga. O nome do programa é De lá pra cá. Apresentadores: Anselmo Gois e Vera Barroso, personalidades que falam no vídeo: Assis Ângelo – biógrafo Lirinha – músico, Dominginhos e Rosa Araújo – historiadora.” (P2a)

Embora o trecho apresente alguns problemas, tais como a não situação do lugar (a aluna não cita o nome da escola nem da cidade), consideramos que houve avanço no que tange à estrutura composicional do gênero solicitado, principalmente na contextualização no momento inicial do texto. Mesmo assim, a autora ainda está presa à primeira versão do seu texto, pois ela a repete depois desse primeiro parágrafo transcrito acima, embora com algumas correções pontuais feitas no texto tendo em vista as orientações dadas para reescrita.

Quanto ao texto P1a, na segunda versão, a autora muda radicalmente o seu texto para tentar atender ao comando da atividade (produzir o relato) e, principalmente para garantir que seu texto se configurasse como o gênero solicitado. Vejamos o texto na íntegra.

Texto 03:

Reescrita da 1ª produção- doravante: P1b

Luiz Gonzaga, “O Rei do Baião”

No dia 26/04/12, foi apresentado um vídeo pelas Estagiárias, Rhayssa e Edilma de língua Portuguesa.

O vídeo do Programa “De lá pra cá”, exibido no dia 14 de outubro no canal TV Brasil, apresentado por Anselmo Gois e Vera Barroso sobre os 20 anos da morte de Luiz Gonzaga.

O músico Lirinha Falou no vídeo a história de Luiz Gonzaga, onde nasceu, quando começou a tocar e etc...

(...)Luiz Gonzaga nasceu em Exu- Pernambuco e começou a tocar sanfona com oito anos.

Vários Músicos, Biógrafos, Historiadora Falaram um pouco sobre os 20 anos da morte de Luiz Gonzaga

Fagner falou que foi muito incentivado por Luiz Gonzaga a ser cantor.

Dominginhos, filho de Luiz Gonzaga Falou que seu pai que ensinou ele a tocar sanfona e ajudou o filho a crescer.

Luiz Gonzaga foi um grande “Rei do Baião”, apesar de ter morrido, as músicas de Luiz faz muito sucesso e é tocada por vários cantores: Elba Ramalho, Dominginhos, Marisa monte e outros.

Nesta segunda versão, a aluna faz a contextualização do vídeo assistido e começa a relatá-lo (mudança muito importante porque na primeira versão do texto a autora só havia escrito dados biográficos sobre Luiz Gonzaga). Embora, assim como no texto P2b a aluna que produziu o P1b não tenha tecido comentários acerca do vídeo assistido, a autora deste último conseguiu se colocar claramente no texto, como podemos ver no último parágrafo em que aparece: “Luiz Gonzaga foi um grande ‘Rei do Baião’” (P1b).

3. A segunda produção

Para a produção do segundo relato, resgatamos, primeiramente, um pouco da visita realizada ao museu, levando fotos e lembrando o que havíamos visto e aprendido. Posteriormente, apresentamos as orientações para a produção.

Na segunda produção do relato (sobre a visita ao museu), pudemos notar que os alunos já haviam compreendido grande parte da organização composicional do relato de experiência e que o estavam produzindo satisfatoriamente, principalmente se os compararmos às primeiras tentativas de produzi-lo. Vejamos a primeira versão de dois dos textos produzidos:

Texto 04:

2ª produção: Relato da visita ao museu (1ª escrita) - doravante P3a

O Rei do Baião é Eterno

No dia 14 de maio, eu e meus colegas de turma do 9º anos fomos visitar o Museu Fonográfico de Luiz Gonzaga, que foi inaugurado em 1992 tendo como proprietário José Nobre que veio do Rio Grande do Norte e montou o museu em Campina Grande.

Ao chegar, nos deparamos logo com as estátuas de Padre Cícero, Frei Damião e Luiz Gonzaga, lá há muitas fotos e discos que marcaram a história do Rei do Baião.

Achei importante a visita, pois descobri que Luiz gravou mais de 40 músicas nacionais e estrangeiras, não gravou música popular brasileira.

Texto 05:

2ª produção: Relato da visita ao museu (1ª escrita)- doravante P4a

Luiz Gonzaga: “uma volta ao passado”

No dia 14 de maio, nos alunos do 9º ano B visitamos o Museu Fonográfico Luiz Gonzaga, o dono do museu, Jose Nobre, nos mostrou um pouco mais sobre a vida do “Rei do Baião”.

O museu foi inaugurado em 1992 e, na frente do museu há três estatuas: uma de Padre Cicero, uma de Frei Damião e outra de Luiz Gonzaga.

No ano de 1995, foi inaugurado uma estatua de Luiz Gonzaga, e que hoje descança na universidade de Oxford.

Luiz Gonzaga já gravou 675 musicas, sendo 25 musicas em homenagem a Paraiba, um dos seus maiores feitos foi trazer a paz a Exu.

Nesses dois textos transcritos acima, nós observamos que as autoras de ambos contextualizam (embora com algumas omissões) o que pretendiam relatar: a visita que fizeram no dia 14 de maio de 2012 ao Museu Fonográfico Luiz Gonzaga. Uma delas, a autora da P3a, conseguiu, após relatar algumas coisas que viu e aprendeu durante a visita, tecer um comentário sobre a ida ao museu, como se pode ver no último parágrafo: “Achei importante a visita, pois descobri que Luiz gravou mais de 40 músicas nacionais e estrangeiras, não gravou música popular brasileira.” (P3a). O que não ocorreu com o texto P4a, onde sua autora, depois da contextualização, ficou presa ao relato das coisas que encontrou e observou durante a visita.

Antes de passarmos para a etapa da reescrita individual, voltamos a refletir sobre os problemas, que ainda permaneciam nas produções. Em uma delas os alunos reformularam uma introdução de um relato (parte mais problemática nos textos produzidos por eles), resolveram questões de concordância nominal e verbal e pontuaram corretamente um outro trecho de um relato. Além disso, selecionamos um relato de um aluno de outra turma para realizarmos uma reescrita coletiva. Com o auxílio do Datashow, íamos promovendo as devidas alterações a partir de sugestões da turma e de nossas intervenções.

Na reescrita dessa segunda produção, percebemos a preocupação das autoras dos relatos em inserir comentários nos seus textos, como observamos no terceiro parágrafo da reescrita do texto de P4a: “Lá nós vimos fotos, discos e roupas que Luiz usava. Tiramos fotos com as professoras e das estatuas. Foi um ótimo passeio.” (P4b). Estas informações foram acrescentadas na reescrita do texto, pois não constavam na primeira versão apresentada. Além da mudança na forma de dizer informações já colocadas no primeiro relato produzido, vejamos: “Aprendi muitas coisas, e dentre elas é que no ano de 1995 foi inaugurado uma estátua do ‘Rei do Baião’ que hoje se encontra na universidade de Oxford.” (P4b). Esta última mudança mostra a reflexão e a autonomia da aluna no processo de reescrita, já que não havia sido feito nenhum comentário acerca do trecho específico, embora sejam esses comentários ainda superficiais.

Em P3b, a principal mudança observada foi os acréscimos feitos na contextualização do texto para que esta ficasse menos abrangente. Vejamos: “No dia 14 de maio, eu e meus colegas de turma do 9º ano da E. E. E. F. M. Professor Raul Córdoba, fomos visitar o Museu Fonográfico Luiz Gonzaga, que foi inaugurado em 1992 tendo como proprietário José Nobre.” (P3b). A autora do texto fez a especificação da escola da qual faz parte, seguindo a orientação proposta para a reescrita.

Esse percurso realizado pelos alunos em nos apresentar inicialmente alguns dados da biografia de Luiz Gonzaga, depois, relatar fatos sem contextualização ou comentários, até a etapa da reescrita em que vimos textos que atenderam à estrutura composicional do gênero relato de experiência, mostram-nos que passaram por um processo de uso-reflexão-uso sobre a língua/linguagem no processo de apropriação do gênero textual foco na nossa sequência didática.

Considerações finais

Estar em contato com uma sala de aula num contexto real do ensino público foi algo de extrema importância para nós que nos aproximamos do fim do curso.

O contato inicial com as teorias e os encontros em que as discutimos foram muito importantes antes da atuação didática, pois pudemos relacionar os estudos teóricos com a realidade do ensino, vendo, dessa forma, uma aplicação daquilo que apenas conhecíamos abstratamente.

Obsevamos alguns progressos após a intervenção e as aulas (como demonstramos por meio dos exemplos trazidos anteriormente). A organização composicional do gênero foi algo mais notável em comparado a primeira produção realizada, principalmente após a reescrita coletiva, as mudanças nos textos foram mais significativas. Os comentários feitos na correção do texto e, às vezes, a conversa com o aluno individualmente, deixou mais claro para os alunos quais eram os principais equívocos cometidos e os fizeram trabalhar nos principais problemas.

O aprendizado ao longo da Prática se deram de maneiras diversas e nos fez refletir ainda mais sobre nós enquanto futuras educadoras, pois mais importante do que a “transmissão” de conteúdos ou cumprir o plano elaborado, foi a convivência e o contato com os alunos. Percebemos que o trabalho do professor exige muito mais de sua preparação do que propriamente sua execução em sala de aula, pois um professor preparado teoricamente, com apoio e assistência para realizar seu trabalho, os resultados são muito mais eficazes.

Além disso, conhecemos mais sobre o gênero Relato e sobre a temática que estávamos trabalhando: “O centenário do cantor Luiz Gonzaga”. A visita ao museu, os vídeos assistidos, os textos lidos e as aulas preparadas acrescentaram significativamente na nossa bagagem de conhecimentos.

Referências

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Jocília Rodrigues. **Relato de experiência didática: elementos para descrição e ensino do gênero**. 2002. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPB, Campina Grande, 2002.

Anexo
Atividade

- 1- Reescreva o trecho abaixo, substituindo os termos repetidos e acrescente informações necessárias a fim de tornar o texto mais coerente.

“O museu foi fundado no ano de 1995 por José Nobre de Medeiros. No museu tem fotos, livros, tipos de roupa que Luiz Gonzaga gostava de usar e nas paredes do museu tem trechos de músicas de Luiz Gonzaga.”

- 2- Faça as devidas concordâncias (nominais e/ou verbais) nos trechos abaixo:

- a) “As turmas dos 9º anos foi fazer uma visita ao museu de Luiz Gonzaga.”
- b) “Ele fez muitos show por vários canto do Brasil.”
- c) “Tinha algumas coisa que estava lá em cima.”
- d) “Nós observou muitas coisa interessante na visita.”

- 3- Pontue corretamente o trecho transcrito abaixo:

“Hoje 17 de maio de 2012 nós alunos do 9º B assistimos a um vídeo sobre o passeio ao Museu Fonográfico Luiz Gonzaga que foi realizado no dia 14 de maio de 2012.”

Observe o texto abaixo e reflita sobre a mudança de sentido ocasionada pela posição em que a vírgula aparece.

A VÍRGULA
A VÍRGULA PODE SER UMA PAUSA. OU NÃO.
NÃO ESPERE.
NÃO ESPERE.
A VÍRGULA PODE CRIAR HERÓIS.
ISSO SÓ ELE RESOLVE.
ISSO SÓ ELE RESOLVE.
ELA PODE FORÇAR O QUE VOCÊ NÃO QUER.
ACEITO OBRIGADO.
ACEITO OBRIGADO.
PODE ACUSAR A PESSOA ERRADA.
ESSE JUIZ É CORRUPTO.
ESSE JUIZ É CORRUPTO.
A VÍRGULA PODE MUDAR UMA OPINIÃO.
NÃO QUERO LER.
NÃO QUERO LER.

UMA VÍRGULA MUDA TUDO.
ABI. 100 ANOS LUTANDO PARA
QUE NINGUÉM MUDE NEM UMA
VÍRGULA DA SUA INFORMAÇÃO.

ABI
ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE IMPRENSA